
Camões e as novas mídias

Camões and the new media

Andre Vallias

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1402>

RESUMO

André Vallias discorre sobre seu vídeopoema “Tão Pequeno”, realizado em 2006, a partir de uma canção de Caetano Veloso que integrou a trilha sonora do espetáculo de dança *Onqotô*, do grupo Corpo, arrolando ainda outros trabalhos de nova mídia sobre a obra de Luís de Camões.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Novas mídias; Camões; Caetano Veloso; Stefan Zweig.

ABSTRACT

The author discusses his video poem “Tão Pequeno” (So Small), created in 2006 based on a song by Caetano Veloso that was part of the soundtrack for the dance spectacle “Onqotô” by the Corpo dance company, also listing other new media works based on the work of Luís de Camões.

KEYWORDS: Poetry; New media; Camões; Caetano Veloso; Stefan Zweig.

Quando a professora Gilda Santos, há cerca de um ano, propôs que eu falasse sobre “Camões e as Novas Mídias” neste ciclo de palestras que comemora o quinto centenário de nascimento de Luís de Camões, senti-me naturalmente lisonjeado, mas também, confesso, um tanto preocupado... Não sou um camonista, tampouco pesquiso o que se faz no campo das novas mídias. Sou um simples fazedor.

Comecei a fazer poesia em 1985 de um jeito não convencional, usando a técnica da serigrafia (no Brasil popularmente conhecida com *silk screen*) que aprendera com o saudoso mestre e amigo Omar Guedes, norteado principalmente pela obra dos poetas concretos Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, José Lino Grünewald e Ronaldo Azeredo. Da “tela de seda” passei à tela do computador.

Quando me perguntam pela minha profissão, não tenho pudores em responder: “poeta, designer gráfico e produtor de mídia interativa”, pois as duas últimas atividades decorrem diretamente de minhas experimentações no campo da poesia. E muito do que faço no trabalho dito “profissional” posso chamar de “poesia aplicada”. A famosa definição de Décio Pignatari de que “o poeta é o designer da linguagem” não é para mim tão somente uma frase lapidar, mas um lema de vida.

O trabalho que motivou a minha participação no ciclo “Quinhenhos Camões, o poeta reverberado” foi feito em 2006 para publicação na *Errática*, uma revista eletrônica inspirada nos então nascentes “blogues” e nas revistas marginais das décadas de 1960, 70 e 80. Era um projeto independente, mas vinculado ao site oficial de Caetano Veloso, cuja primeira versão eu havia desenvolvido em 1997 e remodelado em 2005. Nos seus primeiros anos, foi editada com a colaboração do poeta e ensaísta Eucanaã Ferraz.

Nesse mesmo ano de 2005, Caetano criou com José Miguel Wisnik a trilha do espetáculo de dança “Onqotô”, do Grupo Corpo. No texto que escreveu para o encarte do espetáculo, depois reproduzido no do CD, Caetano explica:

várias coisas se reuniram aqui: os 30 anos do Corpo, a primeira oportunidade de compor para dança, a colaboração com meu amado Zé Miguel. Fui parar no Candeal para esperar que os garotos percussionistas da Bahia criassem imagens sonoras do universo.

Zé Miguel e eu tínhamos um mote que nós mesmos inventamos. Tínhamos nosso carinho pelo Corpo. E glosamos multiplicadamente. Ele foi a Gregório de Matos e eu fui a Camões. Cruzamos os nossos cantos. Achamos a voz humana de Greice para refazer em tom pedestre a pergunta terrível dos Lusíadas: on'q'o'tô?, onde (é) que eu estou? 'onde pode acolher-se um fraco humano'? Com amor, terror e humor, conversamos com os cosmólogos, com os místicos, com os dois poetas, com o dramaturgo escandaloso e moralista. E oferecemos os resultados musicais dessa conversa, nossa música de homens de palavra, aos corpos dos bailarinos do Corpo. Rodrigo intermediou. Mais que isso: criou retroativamente o sentido do que fizemos; refez o mote e as camadas de glosa de modo a provar que tudo tinha sido dançado antes de ser escrito (Caetano, encarte, 2005).

O crítico musical Hugo Sukman, em matéria para *O Globo*, comentou:

a música de ‘Onqotô’ é marcada por esse tipo de jogo de idéias, como se fosse a prosa solta entre Wisnik e Caetano, rosiana, que gerou todo o espetáculo. [...]

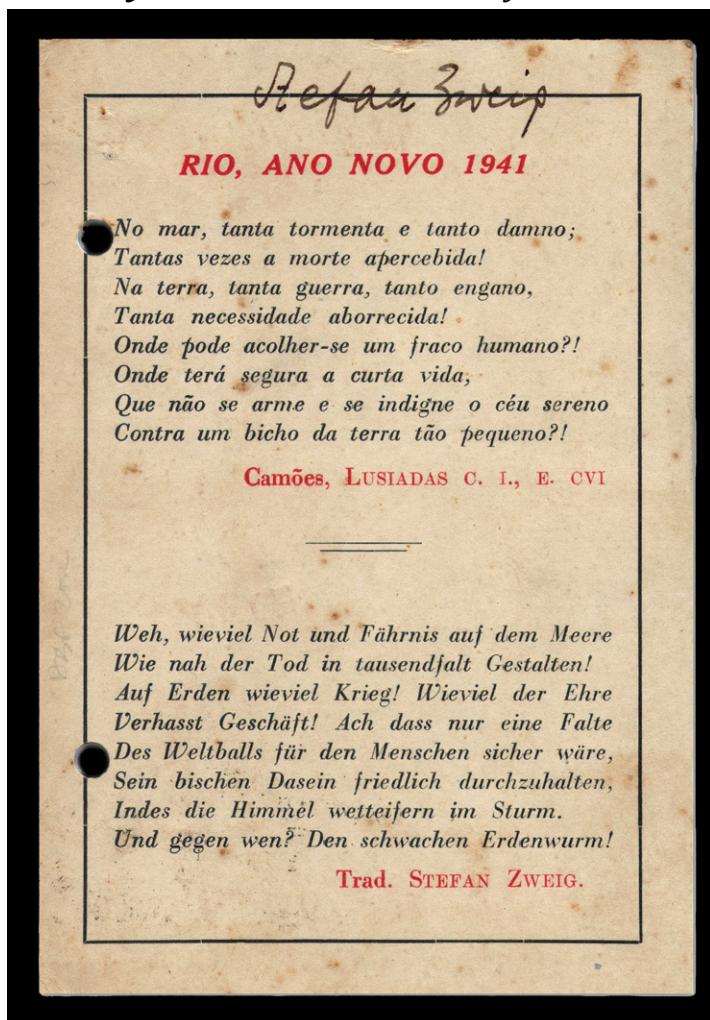
Depois de musicar a quadra e gravá-la com a cantora não profissional Greice Carvalho, mais uma coincidência cósmica supreendeu Caetano.

– Fiquei impressionado ao ler, logo depois, no belo livro de Alberto Dines sobre Stefan Zweig (‘Morte no paraíso’), que o escritor austríaco tinha traduzido esse trecho dos ‘Lusíadas’ para o alemão, e que uma cópia da estrofe em português foi encontrada emoldurada junto a seu leito de morte, quando ele se matou em Petrópolis – diz Caetano contando mais uma ‘estória’, como escrevia Guimarães Rosa, talvez a figura oculta de *Onqotô* (Sukman, 2005).

Por coincidência, já havia algum tempo que eu colaborava com Alberto Dines na Casa Stefan Zweig, tendo produzido o site e a iden-

tidade visual da instituição, o projeto expográfico da casa restaurada – com a arquiteta Nelci Frangipani –, realizando diversas exposições zweiguianas, mesmo depois de sua morte em 2018. Em uma delas, exibimos o cartão de ano novo que Zweig mandou imprimir em novembro de 1941 (Fig. 1), para enviar aos seus amigos dispersos pelo mundo, com sua bela tradução da estrofe 106 do Canto I de *Os Lusíadas*; exemplar que integra a imensa coleção de documentos e autógrafos de Pedro Corrêa do Lago.

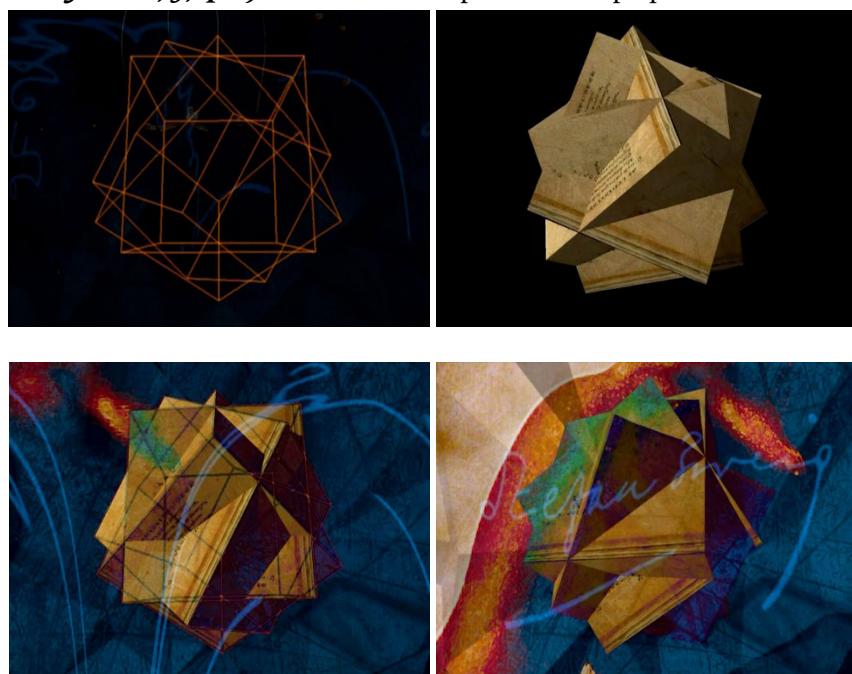
Figura 1 – Cartão de Stefan Zweig.



Fonte: Acervo Pedro Corrêa do Lago.

Criei a videoanimação a partir da rotação de um poliedro formado por três cubos em ângulos distintos, nos quais a página em que a mencionada estrofe aparece foi aplicada como textura – com trechos de *O Cinema Falado*, de Caetano, alterados com filtros digitais, e a assinatura de Stefan Zweig, na sua cor característica: violeta (Fig. 2, 3, 4 e 5).

Figuras 2, 3, 4 e 5 – Stills do vídeopoema “Tão pequeno”.



Fonte: Vallias (2023).



O trabalho foi depois exibido em diversas exposições sobre Stefan Zweig, em formato de instalação ou totêm multimídia¹.

¹ Cf. Vallias (2023).

Zweig começou sua carreira literária com a publicação de um livro de poesia; traduziu, durante as duas primeiras décadas do século XX, poemas de Baudelaire, Verlaine, Keats, Verhaeren, entre outros. Depois dedicou-se exclusivamente aos contos, novelas, ensaios e romances biográficos, que o tornariam o escritor de língua alemã mais lido e traduzido do seu tempo.

Sua relação com a obra de Camões não parece ter merecido até agora a atenção dos pesquisadores. É bem provável que o interesse tenha surgido durante as pesquisas que fez para a biografia de Fernão de Magalhães. O tema das grandes descobertas marítimas lhe ocorreu justamente na viagem de navio que o traria pela primeira vez ao Brasil, em 1936, a caminho do congresso do PEN Club, em Buenos Aires.

Na introdução do livro, o escritor explica como de repente se sentiu envergonhado ao ser acometido por um tédio avassalador na segunda semana de viagem, navegando tão confortavelmente naquele moderno transatlântico, enquanto homens do século XVI atravessaram o globo em embarcações e condições tão precárias e mortíferas. Zweig escreve:

uma vez despertado, este sentimento de vergonha não me abandonaria mais durante toda a viagem, e a idéia destes heróis sem nome não me largou mais nem um instante. Experimentei o desejo de saber mais a respeito daqueles que foram os primeiros a ousar a luta contra os elementos, sobre as primeiras viagens nos oceanos desconhecidos, cuja descrição já em menino excitara a minha imaginação. Fui à biblioteca do navio e escolhi ao acaso alguns volumes. E de todas as figuras e viagens, vim a admirar principalmente a façanha daquele homem que, a meu ver, realizou a proeza mais grandiosa da história dos descobrimentos: Fernão de Magalhães, que partiu de Sevilha em cinco minúsculos barcos pesqueiros para dar a volta ao mundo, no que talvez tenha sido a odisséia mais maravilhosa da história da humanidade,

aquela partida de duzentos e sessenta e cinco homens decididos, dos quais só regressaram dezoito num galeão em frangalhos, mas tendo içada ao mastro a bandeira da maior vitória. Naqueles livros não havia muitos relatos sobre ele, pelo menos o que li não me bastou. Por isso, ao regressar, li e pesquisei mais, espantado com o quanto pouco se disse sobre esse feito heróico até agora. E, como já aconteceu algumas vezes antes, vi que a melhor e mais fértil possibilidade de entender algo inexplicável é tentar recriá-lo também para outras pessoas. Assim nasceu este livro, e, posso dizer sinceramente, para a minha própria surpresa. Pois ao tentar descrever, com a maior fidelidade possível, esta odisséia de acordo com os documentos disponíveis, tive o tempo todo a sensação de estar contando uma ficção, um sonho, um daqueles contos de fada sagrados da humanidade. Mas não há nada melhor do que uma verdade que parece inverossímil! Por se elevarem tão acima da média terrestre, todos os feitos heróicos da humanidade têm algo de inconcebível; mas sempre é aquilo que há de incrível em suas realizações que faz os homens voltarem a ter fé em si mesmos (Zweig, 1999, p. 9).

Em 1936, Zweig foi recepcionado com honras e glórias no Rio de Janeiro e São Paulo; as recordações da curta, mas idílica, passagem pelo Brasil acabariam lhe sendo fatais quando a Segunda Guerra eclodiu. Poderia ter ficado nos Estados Unidos, onde tinha mais conhecidos e suporte financeiro; resolveu, no entanto, refugiar-se na terra que acabara de homenagear com o livro *Brasil, um país do futuro*, lançado em 1941, simultaneamente em 5 idiomas: alemão, sueco, inglês, francês e português. A repercussão no Brasil foi desastrosa, os intelectuais progressistas consideraram a obra uma encomenda do ditador Getúlio Vargas e a desprezaram. Não suportando o calor carioca, mudou-se em setembro para uma pequena casa em Petrópolis, onde a saúde de sua segunda esposa, Lotte, asmática, deteriorou-se rapidamente. Em 28 de novembro de 1941 celebrou

melancolicamente seu aniversário de 60 anos com versos, depois de um intervalo de quatro décadas:

Pressentimento

As horas dançam com langor
Sobre os cabelos cinza-prata;
Só quando a taça é esvaziada,
O fundo de ouro mostra a cor.

Sentir tão perto o mais profundo
Dos sonos não transtorna – acalma.
Só quem já sossegou a alma
Contempla satisfeito o mundo.

Do que alcançou não mais duvida;
Não mais lamenta o que perdeu.
Sabe que envelhecer é seu
Caminho para a despedida.

Na derradeira luz do dia
É que a paisagem se libera;
E o homem ama a vida à vera
Quando, no escuro, a renuncia.

(Zweig, 2011, p. 38).

Em dezembro, cada vez mais angustiado com as notícias da guerra e a saúde de Lotte, envia o cartão camoniano aos amigos...

Em 22 de fevereiro o casal comete o suicídio. O escritor deixou a seguinte mensagem:

DECLARAÇÃO

Antes de deixar a vida por vontade própria e livre, com minha mente lúcida, imponho-me uma última obrigação; dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país que é o Brasil, que propiciou, a mim e a meu trabalho, tão gentil e hospitaleira guardada. A cada dia aprendi a amar este país mais e mais, e em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa, autodestruído. Depois de 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de novo. Aquelas que posso exauridas nestes longos anos de desamparadas peregrinações. Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a Terra. Saúdo todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite.
Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes.
Stefan Zweig (Zweig, 2011, p. 42).

Em 24 de outubro de 2024 recebi o seguinte mensagem por e-mail:

Prezado André Vallias,

Graças ao gesto simpático e generoso de uma Colega e amiga comum, [...], fiquei a conhecer um projeto artístico seu que entra em diálogo com Camões e com a sua obra. Na verdade, conheço o seu trabalho na área do digital há já vários anos, porque tenho estado ligado ao Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura, na Universidade de Coimbra, e com interesse particular na área de Cultura Digital e Virtual.

Hoje, contudo, escrevo por uma outra razão: faço parte da Comissão Camões/UC que tem por missão organizar um programa celebrativo para comemorar os 500 anos do nascimento de Camões e, por estes dias, estamos a organizar uma Exposição

na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Sala de S. Pedro) com abertura prevista para dezembro de 2024. Teremos nessa Exposição 3 núcleos distintos: i) uma Bioiconografia camoniana; ii) um núcleo de obras impressas de Camões, fazendo uso do riquíssimo acervo da Biblioteca Geral e da Biblioteca Joanina da UC; iii) e um núcleo de obras digitais de temática camoniana.

Devo dizer que não tem sido fácil encontrar, quer em Portugal, quer no Brasil, obras com este perfil de criação digital, mas tendo agora identificado o seu projeto (que vi através da sua página do Instagram) teria (teríamos) um forte interesse em que fizesse parte do lote de obras em exposição.

Haveria, em seu entender, condições para isso? E como poderíamos tratar da sua autorização?

Cordialmente,
Paulo Silva Pereira (Pereira, 2024).

Naturalmente, concordei em participar. A exposição atrasou um pouco: foi inaugurada em 9 de janeiro de 2025 e ficou até 10 de junho de 2025.

Os dois outros trabalhos que integram o “núcleo de obras digitais” foram realizados especialmente para a exposição e são de clara inspiração *oulipoética* (refiro-me aqui ao Ouvroir de Littérature Potentielle, grupo criado em 1960 pelo matemático François Le Lionnais e pelo escritor e poeta Raymond Queneau).



1) *Diálogos entre Camões e Dinamene* (2025) é uma obra de Rui Torres que se baseia no soneto “Alma minha gentil, que te partiste” de Camões, em diálogo com uma versão alternativa de Manuel Portela,

narrada do ponto de vista da alma que partiu. Através de um sistema de variações, cada soneto pode ser gerado em inúmeras combinações únicas, permitindo que os leitores criem as suas próprias versões do texto. O projeto inclui a publicação de um livro com 500 sonetos selecionados por estudantes do ensino secundário, proporcionando uma experiência participativa que amplia as possibilidades de leitura e interpretação do poema original².

Rui Torres (Porto, 1973) é um dos expoentes da chamada po.ex, professor catedrático na Universidade Fernando Pessoa (UFP) e coordenador do po.ex.net, site de referência da poesia experimental portuguesa.

O mencionado “soneto alternativo” é o de Dinamene para Camões:

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

² Cf. Torres (2025).



2) *Máquina do mundo – edição revista e baralhada* (2025) é um projeto de literatura eletrónica³ desenvolvido em tecnologia web a partir da obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Brincando com as ideias de determinismo e criação emergente, este trabalho apresenta no ecrã uma nova instância textual, composta por versos recombinados que respeitam a estrutura métrica e rítmica original (ABABABCC). Os leitores podem interagir com este objeto, alterando os conjuntos de rima e explorando múltiplas possibilidades de reconstrução poética. O título evoca o episódio do Canto X, estância 80, em que Tétis revela a Vasco da Gama a “Máquina do Mundo”, simbolizando a ordem cósmica e o desígnio divino. Esta proposta revisita esses conceitos ao criar um espaço híbrido em que a previsibilidade estrutural coexiste com a criatividade do utilizador, desafiando interpretações sobre o providencialismo, o acaso e a natureza do texto literário na era digital.

Luís Lucas Pereira (Coimbra, 1984) trabalha no Departamento de engenharia informática da Universidade de Coimbra.

Alguns outros projetos “camonianos” que podem ser considerados como de “novas mídias” ou pelo menos “mix mídia”, foram listados por Eliane Trindade, editora do Prêmio Empreendedor Social e colunista do jornal Folha de S. Paulo, em matéria de 23 de janeiro de 2025, publicada naquele jornal:

A exposição fotográfica *O rosto de Camões*, do fotógrafo e artista visual português João Francisco Vilhena, que já passou por várias

³ Cf. Pereira ([2025]).

cidades em Portugal e Brasil, com retratos de cinco homens e cinco mulheres travestidos como o autor de *Os Lusíadas*;

A peça do dramaturgo e ator português Nelson Monforte: *O olho perdido de Camões*, encenada pela primeira vez na virada de 9 para 10 de junho, data da morte de Camões, com a seguinte chamada irônica: “de quem foi a ideia de comemorar meu nascimento no dia da minha morte?”;

O *Slam Camões*, campeonato de poesia falada em oito eventos realizado de maio a novembro de 2024 nos salões da Casa da Cidadania da Língua sob curadoria da brasileira Maria Giulia Pinheiro; *Canto(s) da condição humana*, ópera multimodal do compositor brasileiro Jônatas Manzolli, desenvolvida no Centro de Estudos Camonianos em Coimbra, com estreia prevista para meados de 2025. A ópera explora o universo camoniano do ponto de vista de uma mulher, que tem visões e recebe cartas de seus personagens femininos, como Inés de Castro;

O céu da língua, espetáculo de *stand-up poetry* de Gregorio Duvier, cocriado e dirigido por Luciana Paes, que estreou em novembro de 2024 em Lisboa.

RECEBIDO: 15/07/2025 APROVADO: 01/08/2025

REFERÊNCIAS

- CAETANO VELOSO. Encarte do espetáculo de dança “Onqotô”. 2005.
- PEREIRA, Luís Lucas. *Máquina do mundo* – edição revista e baralhada. [S. l.: 2025]. Disponível em: <https://humaginarium.net/maquinadomundo>. Acesso em: 9 ago. 2025.
- PEREIRA, Paulo Silva. (*E-mail*). Destinatário: André Vallias. [S. l.], 24 out. 2024. 1 e-mail.
- SUKMAN, Hugo. Big Bang nada: Fla-Flu. *O Globo*, segundo caderno, Rio de Janeiro, 10 ago. 2005. Disponível em: <https://caetanoendetalle.blogspot.com/2012/11/2005-onqoto.html>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- TORRES, Rui. *250 sonetos de Camões para Dinamene / 250 sonetos de Dinamene para Camões*. Comissariado por Paulo Silva Pereira e Filipa

Araújo. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 9 jan. – 10 jun. 2025. Disponível em: https://telepoesis.net/camoes_500/. Acesso em: 9 ago. 2025.

TRINDADE, Eliane. Brasileiros dão vida a um Camões do século 21: popular e descolonizado. *Folha de S. Paulo*, [S. l.], 23 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2025/01/brasileiros-dao-vida-a-um-camoes-do-seculo-21-popular-e-descolonizado.shtml>. Acesso em: 9 ago. 2025.

VALLIAS, André. *Tão pequeno*. [S. l.]: 20 dez. 2023. Instagram: @a_vallias. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C1E57CySTT_. Acesso em: 9 ago. 2025.

ZWEIG, Stefan. Declaração. In: PREFEITURA DE PETRÓPOLIS. *Stefan Zweig vive!* (catálogo da exposição). Petrópolis (RJ): Centro de Cultura Raul de Leoni, 14 jan. – 01 maio 2011. p. 42.

ZWEIG, Stefan. Pressentimento. 28 nov. 1941. In: PREFEITURA DE PETRÓPOLIS. *Stefan Zweig vive!* (catálogo da exposição). Petrópolis (RJ): Centro de Cultura Raul de Leoni, 14 jan. – 01 maio 2011. p. 38.

ZWEIG, Stefan: *Fernão de Magalhães – o homem e a sua façanha*. Tradução Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MINICURRÍCULO

ANDRÉ VALLIAS é poeta, designer gráfico e produtor de mídia interativa. Foi co-curador de diversas exposições de poesia visual e digital, entre as quais: *Transfutur* (1990), *poesie – digitale dichtkunst* (1992) e *POIESIS – poema entre pixel e programa* (2007). É autor de *Heine, hein?* (Perspectiva, 2011), *TOTEM* (Cultura e Barbárie, 2014), *ORATORIO* (Azougue, 2015), *Bertolt Brecht: Poesia* (Perspectiva, 2019) e *Byron – Poemas, cartas, diários &c.* (Perspectiva, 2024).